

OBJETOS E AÇÕES: DINÂMICA ESPACIAL E DINÂMICA SOCIAL*

Milton Santos**

Esta é uma velha e nova questão dentro de nosso campo de trabalho. Há uma relação entre dinâmica territorial e a manifestação da consciência social? Há uma geografia dos movimentos sociais? O problema se coloca de maneira oportuna. Da mesma forma, como se diz hoje, que o tempo apagou o espaço, também se afirma que, nas mesmas condições, a expansão da presença do capital hegemônico em todo o espaço teria eliminado as diferenciações regionais e, até mesmo, proibido de prosseguir pensando que a região existe.

Quanto a nós, ao contrário, pensamos que: em primeiro lugar, o tempo acelerado, acentuando a diferenciação dos eventos, aumenta a diferenciação dos lugares; em segundo lugar, já que o espaço se torna mundial, o ecúmeno se redefine, com a extensão a todo ele do fenômeno de região. Agora, exatamente, é que não se pode deixar de considerar a região, ainda que a chamemos por outro nome.

*Conferência pronunciada na abertura do Colóquio "A Questão Regional e os Movimentos Sociais no Terceiro Mundo", no dia 22/08/91, promovido pela Comissão do Desenvolvimento do Terceiro Mundo da União dos Geógrafos Internacional na Universidade de São Paulo.

**Professor do Departamento de Geografia da USP.

Região e Divisão do Trabalho

Regiões são subdivisões do espaço: do espaço total, do espaço nacional e mesmo do espaço local, porque as cidades maiores também são passíveis de regionalização. As regiões são um espaço de conveniência, meros lugares funcionais do todo, pois, além dos lugares, não há outra forma para a existência do todo social que não seja a forma regional. A energia que preside essa realização é a das divisões do trabalho que se instalam sucessivamente, instaladas, impondo sucessivas mudanças na forma e no conteúdo das regiões. A ampliação da divisão do trabalho e do intercâmbio gera a aceleração do movimento e mudanças mais rápidas na forma e no conteúdo. As diferenças entre lugares que eram antes devidas a uma relação direta entre a sociedade local e o espaço local, hoje apresenta outra configuração, já que se dão como resultado das relações entre um lugar dado e fatores longínquos, vetores provindos de outros lugares, relações globais das quais cada lugar é o suporte.

A região fora, no passado, um sinônimo de territorialidade absoluta de um grupo, através de suas características de identidade, de exclusividade e de limites. Hoje, o número de mediações é muito grande, o que induz, freqüentemente, à confusão de imaginar que a região não mais existe.

Se considerarmos a região como uma subdivisão do espaço, incumbe-nos, em primeiro lugar, definir o que o espaço é, para podermos chegar a uma definição coerente de região. Há diversas formas para entender o espaço. Hoje, tomemos a acepção seguinte: o espaço como a soma indissociável entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Nem sistemas de objetos apenas, nem sistemas de ações apenas, mas sistemas de objetos que influenciam sistemas de ações, sistemas de ações que influenciam sistemas de objetos, sistemas de objetos e sistemas de ações indissolúvelmente juntos e cuja soma e interação nos dão o espaço total. Quanto mais complexa a divisão do trabalho, maior a diversificação e a complexificação dos objetos e das ações. maior a espessura do sub-espaço correspondente.

Quanto à divisão do trabalho atual, as características que interessam mais de perto ao nosso enfoque, são, em primeiro

lugar, o fato de que, talvez pela primeira vez na história do homem, há uma completa superposição dos diversos níveis da divisão do trabalho. Desse modo, as divisões do trabalho internacional, nacional e local se imbricam de maneira necessária. E isso redefine, de um lado, a própria divisão do trabalho e, de outro lado, redefine o espaço em todos seus níveis de organização; ou, para guardarmos a velha denominação, em todas as suas escalas. É desse modo que a dimensão escalar poderia ser rediscutida, como instrumento de trabalho em geografia.

Em segundo lugar, é também a primeira vez em que a divisão do trabalho é fruto de uma organização deliberada, não sendo deixada ao sabor das combinações ocasionais, ainda que predeterminadas. Hoje, uma organização precede e preside à estruturação do trabalho, a partir do nível mundial, ditando as formas de vida das sociedades as mais diversas, e pretendendo inclusive impor as modalidades com as quais os diversos povos realizam o seu estatuto nacional. As formas de intervenção atual dos grandes organismos internacionais na vida íntima de cada país são um exemplo. Esse ditame organizacional, externo a cada nação, e que impõe dentro de cada país, novas formas de convivência, termina por redefinir, redimensionar e reorganizar tudo, inclusive o espaço. Isso, porém, não significa que haja uma submissão automática dos diversos níveis inferiores de organização aos respectivos níveis superiores. É, também, novo na organização territorial, o fato de que, graças à universalização de tantos tipos de troca, os níveis inferiores de organização passem a ter um papel relevante na redefinição dos níveis superiores, da nação ao universo.

Em terceiro lugar, ressalte-se o papel das diversas formas de circulação nessa reorganização da divisão internacional do trabalho, sobretudo no que toca à reorganização espacial. A circulação já não se define como antes, apenas pelos transportes e as comunicações, já que um novo sistema se levanta e ganha um papel reitor nas relações sociais, isto é, o subsistema da regulação, sem o qual já não se podem entender os fenômenos espaciais.

Sistemas de Objetos e Sistemas de Ações, Hoje

A partir desse quadro, o espaço se redefine como um conjunto indissociável no qual os sistemas de objetos são cada vez mais artificiais e os sistemas de ações são, cada vez mais, tendentes a fins estranhos ao lugar. Em outras palavras, de um ponto de vista do lugar e seus habitantes, a remodelação espacial se constrói a partir de uma vontade distante e estranha, mas que se impõe à consciência dos que vão praticar essa vontade.

Antes as coisas e os objetos se davam como conjuntos localizados. Eram coleções e não, propriamente, sistemas. Atualmente, os objetos tendem a se dar cada vez mais como sistemas, na medida em que cada dia que passa eles se vão tornando objetos técnicos. Trata-se, no seu conjunto, de sistemas técnicos. A materialidade do território é dada por objetos que têm uma gênese técnica, um conteúdo técnico e participam da condição da técnica, tanto na sua realização como na sua funcionalidade. Esses sistemas técnicos atuais são formados de objetos dotados de uma especialização extrema. Isto é sobretudo válido para os objetos que participam dos sistemas hegemônicos, aqueles que são criados para responder às necessidades de realização das ações hegemônicas dentro de uma sociedade.

Os objetos preexistentes, vêm-se envelhecidos pela aparição dos objetos tecnicamente mais avançados, dotados de qualidade operacional superior. Desse modo, cria-se uma tensão nos objetos do conjunto, paralela à tensão que se levanta, dentro da sociedade, entre ações hegemônicas e ações não hegemônicas. A situação é diferente daquela do passado, onde as ações de um nível inferior não eram obrigatoriamente hegemônicas. Agora há uma clara hierarquia das ações que se instalam em objetos igualmente hierarquizados e se exercem por seu intermédio. Os objetos que conformam os sistemas técnicos atuais são criados a partir de uma clara intenção de realizar uma função precisa, específica. Essa intencionalidade se dá desde o momento de sua concepção, até o momento de sua criação e produção. A construção e a localização - a inepção - dos objetos estão subordinados a uma intencionalidade que tanto pode ser puramente mercantil quanto simbólica, senão uma combinação das

duas intencionalidades. Todos esses objetos modernos aparecem com uma enorme carga de informação, indispensável a que participem das formas de trabalho hegemônico do serviço do capital hegemônico, isto é, do trabalho mais produtivo economicamente.

Os objetos já não trabalham sem o comando da informação, mas, além disso, passam a ser, sobretudo, informação. Uma informação especializada, específica e duplamente exigida: informação para os objetos, informação nos objetos.

Isso redefine inteiramente o sistema espacial, na medida em que uma informação cientificamente concebida para mover objetos criados deliberadamente com intenção mercantil, através de um sistema de ações que é subordinado a uma mais-valia mundial, possibilita a criação de uma enorme cópia de fluxos, extremamente diversos uns dos outros, tornando o espaço mais complexo.

A apreensão intelectual dessa nova situação é, sem dúvida, de apreensão intelectual mais difícil, desafiando a nossa capacidade de teorizar e de produzir o conhecimento empírico adequado. É esse, talvez, o desafio maior que os geógrafos e os outros especialistas do território enfrentam em nossos dias. É nessa voragem que o conceito de região vem sofrendo restrições, ataques, remodelações. Para muitos, esse velho conceito já não seria adequado. Quanto a nós, não pensamos que a região haja desaparecido. O que esmaeceu foi a nossa capacidade de reinterpretar e de reconhecer o espaço em suas divisões e recortes atuais, desafiando-nos a exercer plenamente aquela tarefa permanente dos intelectuais, isto é, a atualização dos conceitos.

Para isso, é indispensável não apenas rever as qualificações atuais dos objetos, mas também aquelas das ações. Quanto a estas, tendem a ser racionais, sobretudo, aquelas dos agentes hegemônicos, que utilizam objetos e sistemas técnicos hegemônicos. As ações não são exclusivamente conformes aos fins, mas são conformes aos meios, isto é, conformes aos objetos. Elas não apenas são deliberadas, mas deliberadas por outros. Para a maior parte da humanidade, elas não são informadas de modo endógeno, mas informadas de fora. Tratam-se de ações com base científica, o que conduz freqüentemente à não existência

de um debate sobre sua validade, já que a ciência mitificada não é discutida, mas se impõe. Tais ações não são explicadas a todos, mas apenas ensinadas aos agentes, como base de uma atividade parcelizada, que na sociedade cria letrados cada vez menos cultos. São ações pragmáticas, onde a inteligência pragmática, como diria Horkheimer, substitui a meditação. Daí essa incapacidade dos homens de nosso tempo de saber o que são e de saber onde estão. Uma ação codificada, presidida por uma razão formalizada, ação que não é isolada e que arrasta, ação que se dá em sistema, cujo lubrificante maior passou a ser, talvez, não a produção, mas sim a comunicação, tem o papel fundamental na organização da vida coletiva e na condução da vida individual. Entender todo esse processo torna-se crucial, tanto na interpretação do que a realidade é, como no esforço para para mudá-la.

A Recriação da Ignorância e a Necessidade do Discurso

Tudo isso cria a necessidade do discurso, sem o qual, nos dias de hoje, nada se faz. As bulas que eram, no passado, indispensáveis quase que apenas para lermos as virtudes dos remédios, são hoje uma permanente precisão do homem no mais tolo afazer de cada dia. O aparelho de barbear traz a indicação de como utilizá-lo e o instrumento mais complicado tão pouco se utiliza sem esse discurso, criando na sociedade os especialistas dos discursos especiais, ao mesmo tempo em que se debilita a criação do homem capaz de fazer o discurso de todo, isto é, de entender a história e de propor uma nova história. Os objetos têm um discurso, um discurso que vem de sua estrutura interna e revela sua funcionalidade. É o discurso do uso, mas, também, o da sedução. E há o discurso das ações, do qual depende sua legitimação. As ações necessitam de legitimação prévia para ser mais docilmente aceitas e ativas na vida social e assim mais rapidamente repetidas e multiplicadas.

Tudo isso é mais fácil, pois num mundo que inventa cada dia uma novidade, tornamo-nos todos cada dia ignorantes do que são as coisas novas, do que elas trazem como impulso na produção e na ideologia. Essa criação cotidiana do homem igno-

rante é que impõe o discurso, impondo essa nova categoria de análise indispensável ao entendimento de que as coisas e os homens são.

Horizontalização e Verticalização

Nesse espaço, assim reorganizado, há, de um lado horizontalizações e, de outro lado, verticalizações, recortes espaciais superpostos. As horizontalizações atuais são a condição e o resultado das novas condições da produção propriamente dita. E as verticalizações são o resultado das novas necessidades de intercâmbio e da regulação. Os arranjos espaciais nessas condições não se dão apenas como as regiões do passado, figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, também, ao lado dessas manchas, ou por sobre essas manchas, há também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. Tudo isto junto é o espaço. É a partir desses novos recortes espaciais, dessas novas subdivisões do espaço, que devemos pensar as suas novas categorias analíticas, se não queremos falar apenas de um espaço total, seja o espaço total do ecúmeno, o espaço total da sociedade nacional, o espaço total de uma aglomeração urbana. Ora, a totalidade não se entende sem que seja, antes, subdividida.

No primeiro caso, as horizontalidades, a solidariedade entre os elementos formadores deve-se, sobretudo, à produção propriamente dita. Veja-se, como exemplo a relação cidade-campo, onde a atração entre sub-espacos com funcionalidades diferentes, atende à própria produção, já que a cidade, sobretudo nas áreas mais fortemente tocadas pela modernidade, é o lugar da regulação do trabalho agrícola.

No segundo caso, nas verticalidades, a solidariedade é obtida através da circulação, do intercâmbio e da sua regulação. Veja-se como exemplo a relação interurbana. Trata-se de entender essa nova forma de solidariedade entre os lugares que tanto pode se dar a partir de contigüidades e continuidades, como da ação empreendida a partir de pontos distantes, mas não isolados. A região, nessas condições, mesmo aquela defi-

nida no mapa como uma mancha contínua (primeiro caso) deixa de ser definida como era antes. Não é mais a solidariedade orgânica que nos dá a região, mas uma solidariedade organizacional. Podíamos parafrasear Baudrillard, em seu "Sistema dos Objetos", quando ele disse que "a funcionalidade não é mais o que se adapta a um fim, mas uma ordem de sistema". De uma organização "natural", existindo pela troca de energia entre os elementos, tal como eles são e estão dispostos, nós passamos a uma valorização das coisas, isto é, sua própria vida funcional, por intermédio da organização. Onde se lia energia, leia-se informação, como novo princípio de estruturação do território, tanto nas suas subdivisões como no seu todo.

Nessas condições, as verticalidades aparecem como vetores da modernidade mais moderna, transportadores de uma racionalidade superior, veículos do discurso pragmático dos setores hegemônicos. As ações racionais, dando-se sobre um espaço tornado racionalizado pela presença de objetos tão estritamente fabricados para dar resposta à suas exigências, criam um cotidiano obediente e disciplinado.

Quanto às horizontalidades tanto elas podem ser o lugar da finalidade imposta de fora, de longe ou de cima, quanto o da contra-finalidade. Neste caso, elas são o palco de um cotidiano conforme, mas não conformista, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta.

Espaço e Movimentos Sociais

Lembre-mos do fato de que os movimentos sociais, tanto urbanos quanto rurais, têm lugar onde um enquadramento rígido se estabelece, por exemplo uma forma de divisão da propriedade que age de modo semelhante à materialidade nas cidades, e cria como resposta um novo patamar da consciência coletiva.

Como trabalhar, não apenas empiricamente, mas também teoricamente, a relação entre os movimentos sociais e o espaço? Essa é a grande questão proposta já que nessa matéria não basta apenas trazer o recital da nossa experiência, mas sobretudo tentar construir um projeto-pensamento que apoie a nossa atividade futura. É impossível influir no futuro sem teoria.

Minha proposta é simples, tímida e apenas deseja ser provocativa. O espaço hoje se subdivide entre sub-espacos onde há uma carga considerável de racionalidade e áreas onde isso ainda não ocorre. Onde os nexos científicos, tecnológicos, informacionais são importantes, temos aquele meio técnico-científico informacional, uma porção do território onde as racionalidades dos agentes hegemônicos se tornam possíveis e se dão eficazmente, porque essa área geográfica é formada por objetos criados prévia e deliberadamente para o exercício dessa racionalidade.

Espacos do Mandar, Espacos do Fazer

Esse meio técnico-científico é formado e incluem saber e são o suporte da produção do saber-novo, enquanto os outros espacos se tornam apenas os espacos do fazer. Os espacos comandados pelo meio técnico-científico são os espacos do mandar, os outros são os espacos do obedecer.

A nova relação entre regiões, aquilo que no passado se chamava de dependência regional, subordinação de umas áreas a outras, tem esse conteúdo novo de ciência, tecnologia, informação, mas também dessa racionalidade outorgada pelas ações e pelos objetos. A nova centralidade depende dessa racionalidade que não se dá igualmente em toda parte. Os novos espacos centrais informados substituem aquela noção de "core", que outrora nos foi apontada por J. Friedman e J. Boudeville. A partir desta nova organização do território, não cabe mais, no caso do Brasil, falar em litoral e interior, ou simplesmente em cidade e não-cidade, ou urbano e não-urbano. Há espacos marcados pela ciência, pela tecnologia, pela informação, por essa mencionada carga de racionalidade; e há os outros espacos. Todavia, essa racionalidade sistêmica, não se dá de maneira total, absoluta e homogênea, pois, nas áreas assim transformadas, permanecem zonas onde ela é menor ou inexistente.

Essa racionalidade tem sua própria lógica. Por exemplo, as greves mais largamente seguidas não se dão mais no sudeste do Brasil, talvez porque uma geografia extremamente racional torna-se um obstáculo à visibilidade do mundo. A subordinação

à racionalidade impõe aos indivíduos um enquadramento e lhes reduz a possibilidade de manifestação de uma inconformidade. Da mesma maneira, os resultados eleitorais. Se uma grande maioria de eleitores de São Paulo preferiu sufragar partidos não progressistas, até que ponto esse conjunto formado por objetos técnicos racionalizados teve um papel nesse tipo de voto?

Essa racionalidade supõe contra-racionalidades. Essas contraracionalidades se localizam, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos "modernas" e, do ponto de vista social, nas minorias. As minorias se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades hegemônicas. As minorias étnicas, sexuais (de gênero) e outras têm mais dificuldade para aceitar e atender às exigências da racionalidade, na mesma medida em que os pobres delas também são mais defendidos, porque mais infensos às armadilhas do consumo. Esses são também os instrumentos da realização da contra-racionalidade.

Por isso mesmo, as cidades são o lugar da revolta, da rebelião, do encontro com o que parecia impossível, já que são menos fáceis de conquistar pelo capital novo do que o campo. Este, nos dias de hoje, é muito mais susceptível da presença e da difusão do capital hegemônico que a cidade. Por essa razão, o campo é rígido, graças às equações de trabalho e capital exigidas pelas novas produções, exigentes do uso da inteligência, da técnica e da informação. A cidade é rígida pelos objetos que a formam, essa materialidade que custa muito caro renovar: desse modo, a cidade tem mais bolsões de contra-racionalidade e de contra-finalidade que o campo. Nessas condições, e ao contrário do que freqüentemente se diz, a cidade acaba sendo mais fácil de planejar.

No campo modernizado, onde a racionalidade já se instalou nos objetos e nas atividades, as grandes empresas podem comandar diretamente os processos, a despeito do Estado. Quando o campo é marcado pelo nexos da ciência, tecnologia e informação, o Estado aparece com menor força de intervenção, exceto se decide antepor-se às chamadas leis de mercado. Graças, exatamente, àquelas suas áreas sociais e geográficas onde a racionalidade capitalista contemporânea é menor, o Estado (União, Estados, Municípios) pode ter força para planejar a cidade.

A Ação Transformadora

Vivemos num mundo onde já não temos comando sobre as coisas, já que estão criadas e governadas de longe e são regidas por imperativos distantes, estranhos. Poderíamos, nesse caso, dizer, com Maffesoli, que os objetos já não nos obedecem, já que eles respondem à racionalidade da ação dos agentes. No dizer do Sartre de **A Imaginação**, os objetos se tornam sujeitos. Mas nenhum objeto é depositário do seu destino final e não há razão para um desespero definitivo. Num mundo assim feito, não cabe a revolta contra as coisas, mas a vontade de entendê-las, para poder transformá-las. No século em que a Revolução Industrial se afirmou, essa revolta se dava como luta contra as novas invenções, vontade de destruir as máquinas, como no ludismo. Hoje, sabemos que tal revolta tem de se dar contra as relações sociais inegalitárias, que esses objetos permitem. O que se impõe é bem conhecer a anatomia desses objetos e daquilo que eles, juntos, formam: o espaço.

E através do entendimento do conteúdo geográfico do cotidiano, poderemos, talvez, contribuir à necessária teorização dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, que é um componente fundamental do espaço, uma estrutura de controle da ação, um limite ou um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam. Não há, todavia, porque desesperar, já que a vida das coisas não é dada para todo o sempre. Se estas podem permanecer as mesmas na sua feição rígida, ao longo do tempo se alteram seu conteúdo, sua função, sua significação, sua obediência perante a ação. As determinações mudam, mudando os objetos. As ações revivificam as coisas, e as transformam.

O conhecimento dos objetos e dos seus processos passa a ser fundamental, para uma ação deliberada e renovadora e o papel da geografia também se renova na análise social e na construção do futuro.